

ECONOMIA

EDIÇÃO NACIONAL

INADIMPLÊNCIA

Dados de janeiro/25

4 em cada 10 brasileiros estavam negativados

50,13% dos brasileiros de 30 a 39 anos estão negativados

30,79% dos consumidores tinham dívidas de até R\$ 500

O valor médio das dívidas dos inadimplentes, foi de **R\$ 4.792**

PARTICIPAÇÃO POR VALOR DAS DÍVIDAS

Até R\$ 500	30,79%
De R\$ 500 a R\$ 1.000	13,73%
De R\$ 1.000,01 a R\$ 2.500	19,67%
De R\$ 2.500,01 a R\$ 7.500	19,97%
Acima de R\$ 7.500	15,87%

DÍVIDAS POR SETOR CREDOR

Bancos	65,98%
Água e luz	10,20%
Comércio	10,05%
Comunicação	5,74%
Outros	8,04%

INADIMPLENTES POR REGIÃO

Norte	42,96%
Nordeste	40,38%
Centro-Oeste	43,80%
Sudeste	40,35%
Sul	35,70%

FONTE | SPC Brasil, CNDL

© INFOGRAFFO

Confiança da construção cai em fevereiro ao menor nível desde março de 2022, diz FGV

O Índice de Confiança da Construção (ICST) caiu 0,6 ponto porcentual na passagem de janeiro para fevereiro, a 94,3 pontos, informou ontem, 25, a FGV. Este foi o menor nível do índice desde março de 2022, quando a confiança foi de 93,5 pontos. “A falta de mão de obra e aumento dos custos continuam pressionando as empresas nos primeiros meses do ano. A queda na confiança pelo segundo mês consecutivo traduz uma percepção mais negativa da situação corrente de negócios”, destacou, em nota, a coordenadora de Projetos da Construção do Ibré/FGV, Ana Maria Castello. Ela ainda avalia que a sondagem de fevereiro também apontou uma desaceleração da atividade relativa ao último trimestre

de 2024, com o crescimento do porcentual de empresas que indicaram redução da atividade de recente. Contudo, como as empresas também mostraram maior disposição de contratar mão de obra nos próximos três meses, essa desaceleração deve ser revertida. Houve, nesta leitura, recuo de 2,1 pontos no Índice de Situação Atual (ISA-CST), a 93,7 pontos - menor nível desde maio de 2022 -, enquanto houve avanço de 1 ponto no Índice de Expectativas (IE-CST), a 95,2 pontos. A queda do ISA-CST foi puxada pelo recuo do indicador de situação atual dos negócios, que caiu 2,8 pontos, a 92,8 pontos, e pelo indicador de volume de carteira de contratos, que cedeu 1,5 ponto, a 94,5.

Mercadante: aprovações do BNDES devem chegar a 2% do PIB até 2026 e, desembolsos, a 1,5% do PIB

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Aloizio Mercadante, disse ontem, 25, que o banco planeja chegar ao fim de 2026 com um aprovação de crédito em patamar de 2% do PIB e desembolsos na faixa de 1,5% do PIB. Hoje, informou o diretor de Planejamento e Relações Institucionais do banco, Nelson Barbosa, as aprovações estão em 1,8% do PIB e o desembolso em 1,1% do PIB. “Essa é a meta, mas os desembolsos são mais lentos, porque estamos crescendo muito em (crédito de) longo prazo, em infraestrutura, como por exemplo projetos de energia, rodovias, além de construção naval”, disse Mercadante.

Tamanho - Barbosa voltou a dizer que a atuação do BNDES não tem forte impacto no mercado de crédito do País nem maiores consequências no cenário monetário. “O BNDES representou 1,4% do fluxo de crédito da economia em 2024”, disse, alegando que qualquer insinuação de que o aumento de sua participação afetaria decisivamente o mercado de crédito seria dizer que “o rabo abana o cachorro”. Segundo Barbosa, o tamanho do banco voltou ao patamar de antes de 2008 na proporção de desembolsos com relação ao PIB (2,39%) e não teria nada a ver com a proporção maior verificada entre 2009 e 2014, quando chegou a superar os 4%. “Qualquer comparação do BNDES de hoje para o de 2014 não faz sentido”, afirmou.

Temos capacidade de melhorar contas públicas, mas não só isso, afirma Haddad

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse ontem, 25, que há condições de o Brasil continuar melhorando as contas públicas, mas defendeu que o País não pode se fixar apenas nisso. Para o ministro, é preciso também combater a ineficiência, a desigualdade, além de aprovar reformas microeconômicas que melhorem o ambiente de crédito e a segurança jurídica. “Que é o que nós estamos fazendo, com muito êxito, e fazer de tudo isso um momento de oportunidade para o Brasil”, disse Haddad, para quem o papel de “homens sérios” é tentar dissipar as fricções e “botar a agenda para andar”.

“Que é o que estou tentando fazer com os novos presidentes (do Congresso) e com uma boa receptividade”, afirmou o ministro, que disse acreditar que a agenda de reformas será retomada. Segundo ele, essa agenda de reformas estruturais está sendo tocada desde que o governo assumiu. Para ele, não é positivo para o Brasil ser “negacionista” em relação ao passado. “Tem muita coisa boa para votar, tem muita coisa boa para endereçar ao Congresso Nacional, e nós podemos entregar um país muito melhor”, disse Haddad, que participa do painel Cenário Econômico 2025 na CEO Conference 2025, organizada pelo BTG Pactual.

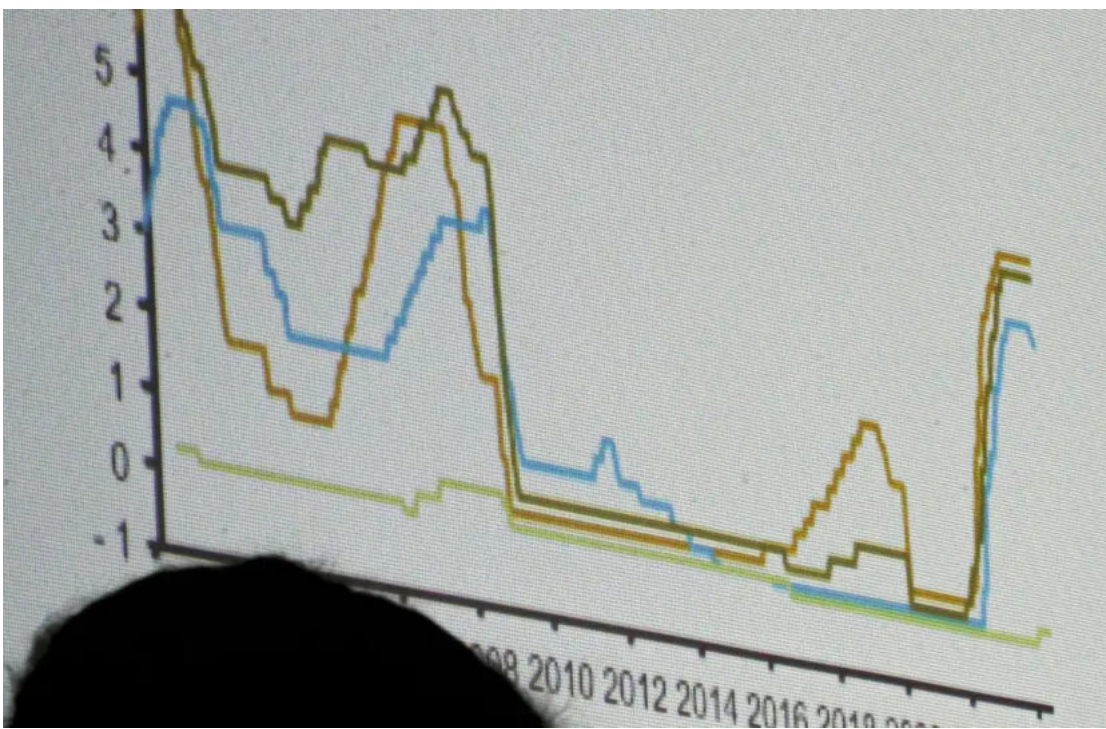
PUBLICIDADE LEGAL

COOPERBRAC – Cooperativa Agrícola do Brasil Central
CNPJ/MF 15.759.617/0001-62 – NIRE 3540016062-4
Edital de Convocação – Assembleia Geral Extraordinária
Ficam convocados os Cooperados da COOPERBRAC – Cooperativa Agrícola do Brasil Central, a se reunirem em sua sede social na Rua Roberto Koch nº 502 Vila Independência – São Paulo – SP, CEP- 04221-060 a realizar-se no dia 17.03.2025, em 1ª convocação as 8:00 horas, com 100% dos cooperados em 2ª convocação as 9:00 horas, com 90% dos cooperados e em 3ª convocação as 10:00 horas, com qualquer número de cooperados em Assembleia Geral Extraordinária para deliberarem sobre as seguinte ordem do dia: a) Saída de Cooperado - São Paulo, 24 de fevereiro de 2025. Diretor Presidente: Sylva Burani Junior. (25, 26, 27)

Prévia da inflação de fevereiro é de 1,23%

A prévia da inflação no mês de fevereiro ficou em 1,23%, a maior desde abril de 2022 (1,73%). O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15) foi pressionado principalmente pela conta de luz. Em janeiro, o índice havia sido de 0,11%. Comparando apenas os meses de fevereiro, o resultado de 2025 é o maior desde 2016, quando o IPCA-15 marcou 1,42%. Em fevereiro do ano passado, a prévia ficou em 0,78%. Os dados foram divulgados ontem (25), no Rio de Janeiro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No acumulado de 12 meses, o IPCA-15 soma 4,96%, acima da meta do governo de, no máximo 4,5%. Em janeiro, esse acumulado se encontrava no teto da meta.

Dos nove grupos de produtos e serviços apurados pelo IBGE, sete apresentaram alta. A maior pressão veio do grupo habitação, que subiu 4,34%, contribuindo com 0,63 ponto porcentual (p.p.) do IPCA-15. Dentro da habitação, a vila foi a conta de luz, que subiu 16,33%, impactando o índice em 0,54 p.p. O que explica esse aumento é o desconto que as contas de luz dos brasileiros receberam em janeiro, o chamado Bônus Itaipu, que derubou o custo no mês passado (-15,46%). Uma vez que o desconto não se repetiu em fevereiro, o efeito



Comparando apenas os meses de fevereiro, o resultado de 2025 é o maior desde 2016, quando o IPCA-15 marcou 1,42%.

estatístico com a base de comparação baixa mostra uma inflação alta na comparação entre janeiro e fevereiro. **Reajuste de mensalidades** - Outra pressão dos preços em fevereiro veio do grupo educação, que subiu 4,78%, impacto de 0,29 p.p. A explicação está nos reajustes de cursos regulares (5,69%) habitualmente praticados no início do ano letivo. As maiores variações saíram do ensino fundamental (7,50%), ensino médio (7,26%) e ensino superior (4,08%). Apesar de ter

subido nominalmente mais que a habitação (4,78% x 4,34%), o grupo habitação influenciou mais na alta do IPCA-15 por ter peso maior no orçamento das famílias, de acordo com o IBGE. **Alimentos** - Uma das principais preocupações do governo neste início de ano, o preço dos alimentos desacelerou ante janeiro, isto é, houve inflação, mas menor que a do mês anterior. O grupo alimentos e bebidas subiu 0,61%, enquanto em janeiro tinha marcado 1,06%. O café moído ficou 11,63% mais

caro, sendo o subitem alimentício com maior pressão de alta (0,06 p.p.). **Transportes** - No grupo dos transportes (alta de 0,44% e impacto de 0,09 p.p.), os combustíveis aumentaram 1,88%. Houve aumentos no etanol (3,22%), diesel (2,42%) e gasolina (1,71%), enquanto o gás veicular teve resultado negativo de 0,41%. Um alívio veio das passagens aéreas, que caíram 20,42%, sendo o subitem que mais forçou a inflação geral para baixo.

Haddad afirma que consignado privado é algo estrutural que ajudará muito trabalhadores



O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, voltou a dizer na manhã de ontem, 25, que o novo consignado para os trabalhadores privados será uma “revolução” por possibilitar o crédito com o mecanismo da garantia da folha de pagamentos, resolvendo problemas tecnológicos

que não permitem essa oferta ampla nos dias atuais. “Nós temos de folha, de aposentado e servidor público, R\$ 100 bilhões. Ele alavanca R\$ 600 bilhões de consignado, entre INSS e regime próprio. No caso do privado celetista, a folha é mais ou

menos R\$ 100 bilhões e ele alavanca R\$ 40 bilhões. Por quê? Porque não está disponível o mecanismo de garantia, muito burocrático”, disse Haddad, em Painel Cenário Econômico 2025 na CEO Conference 2025, organizada pelo BTG Pactual. Para Haddad,

os novos empréstimos com custo mais barato também podem abrir um “nova avenida” de empreendedorismo no Brasil, que o ministro chamou de “terra de empreendedores”. O mesmo avanço pode acontecer com a possibilidade de microempreendedores usarem a receita do Pix como garantia no crédito, medida já em estudo pelo Ministério da Fazenda, mencionou. O chefe da equipe econômica ainda citou que fez um apelo para o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), designar um relator para o projeto que trata da consolidação legal das infraestruturas do mercado financeiro, já aprovado na Câmara no ano passado. Como mostrou o Broadcast (sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado), o destravamento da proposta é uma das apostas da Fazenda para o pós-carnaval. “Uma democratização do crédito pode fazer muita diferença no Brasil, que é uma terra também de empreendedores. Nós temos muitos trabalhadores, mas nós temos muita gente que quer empreender e fica limitado pelas altas taxas de juros”, disse Haddad.

Ceron diz que cenário reforça necessidade de harmonização entre a política fiscal e a monetária

O secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, avaliou, segunda-feira, 24, que a relação “muito forte” da dívida pública com a política monetária no Brasil explica a situação atual em que há melhoras no resultado primário do governo mas uma piora no endividamento público. Com a Selic em patamar alto, há pressão sobre a trajetória da dívida, disse Ceron. Para ele, o cenário reforça a necessidade de harmonização entre a política fiscal e monetária para que o trabalho do Banco Central gere efeitos o mais rápido possível. “O que é importante nesse momento? Fazer uma harmonização para que a política fiscal apoie a política monetária nesse momento, para que o quanto antes eles consigam atingir os seus objetivos, que é trazer a inflação corrente e a expectativa de inflação para o horizonte relevante para dentro da meta, aí você cria condições para o Banco Central reduzir as taxas de juros. E aí ele cria um ciclo virtuoso para a política

fiscal porque reduz a pressão sobre a trajetória da dívida”, disse Ceron em entrevista à revista Exame transmitida ao vivo. Para o secretário, se o BC levar muito tempo para atingir esses objetivos, haverá mais pressão por busca de resultados fiscais melhores para barrar um crescimento expressivo da trajetória da dívida. Assim que a política monetária fizer seu efeito e o patamar da Selic for reduzido, irá “imediatamente” tirar a pressão sobre a trajetória da dívida, apontou. “O Brasil tem uma característica muito peculiar, que é uma relação da política monetária muito forte com a dívida, ou seja, a composição da dívida pública brasileira ela é muito carregada em títulos vinculados a taxas flutuantes. Então nós temos quase metade da dívida atreladas ao que nós chamamos LFT, são taxas flutuantes, ou seja, Selic”, explicou o secretário, lembrando que o cenário também joga pressão sobre o resultado nominal.

Haddad cita Trump e diz que mercado hoje está muito mais tenso do que em outros tempos

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse ontem, 25, que o mercado está mais tenso na comparação com outros momentos da história e citou a turbulência vivida nos Estados Unidos, com a falta de previsibilidade sobre as ações do novo governo Trump. “De fato, quando você vê uma turbulência na economia americana, do que as autoridades econômicas daquele país vão fazer e da dependência do mundo em relação a essas decisões, as pessoas estão mais tensas. E não é só no Brasil, está todo mundo tenso. Eu converso toda semana com alguma autoridade de outro país”, disse Haddad, ao participar do painel Cenário Econômico 2025 na CEO Conference 2025, organizada pelo BTG Pactual. Ele citou sua recente viagem ao Oriente Médio que, de acordo com o ministro, enfrentava uma pressão “enorme” dos Estados Unidos para baixar o

preço do petróleo “meio que na marra”. “Definindo até o preço, ‘vai ter que ser tanto para ajudar na desaceleração da inflação nos Estados Unidos’. Isso vai comprometer crescimento, investimento, uma série de coisas que eles tinham planejado até 2030, eles possivelmente vão ter que refazer cálculos e tudo mais”, afirmou Haddad. “A situação externa é mais desafiadora”. E acrescentou: “As pessoas estão com mais com o dedo no gatilho do hoje, esperando uma notícia para agir, para se proteger, ou para especular, ou para o que quer que seja, tudo dentro da regra do jogo, ninguém está acusando ninguém.” O ministro também mencionou a situação desafiadora que Lula já herdou em transições de governo, quando “ninguém dizia que o Brasil ia quebrar”. “Nem o Fernando Henrique disse, nem o Lula disse, nem o mercado disse, ninguém achava que o Brasil ia quebrar.”

